

Até: uma leitura de Campos

Manuel Luís Costa

Abstract: The main goal of this text is to summarize the study of the Portuguese marker *até* developed by Campos (1984, 1997, 2002). The theoretical and methodological insights presented by the author will be accounted for in three distinct sections: (i) the construction of notional domains (operation of scanning and construction of a boundary); (ii) the prepositional and adverbial uses of the marker *até*; (iii) *Aktionsart* and aspectual values. Given the fact that we are dealing with markers of grammatical notions, the approach should be trans-categorical, aiming at the definition of transverse operations, as proposed by Campos.

1. Introdução

Nesta comunicação, propõe-se uma leitura de três textos de Campos (1984, 1997, 2002), nos quais a preposição *até* é objecto de estudo. No que respeita aos textos em apreço, é da mais elementar justiça reconhecer a importância do contributo da autora para a investigação sobre a preposição *até*, em particular, e, não menos relevante, para a constituição dos fundamentos teóricos e metodológicos de uma semântica das preposições, em geral.

A leitura ensaiada coloca em evidência três problemáticas associadas ao estudo das preposições. A saber: (i) estruturação do domínio notional em zonas; (ii) variação e invariância; *Aktionsart* e valores aspectuais.

2. Estruturação do domínio em zonas – construção de fronteira final

Em Campos [1984] (1997), o SP cujo núcleo é preenchido por *até* serve de teste empírico para a caracterização do valor do Pretérito Perfeito Composto (doravante PPC). Nas palavras da autora, a preposição marca

uma “operação de construção de **fronteira final**”¹ (39-40).

Ainda de acordo com a autora, a preposição *até* apenas é compatível com o processo representado pelo PPC se “determinar explicitamente o seu prolongamento até e incluindo T₀” (40), como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (1) tem feito bom tempo
(Campos 1997:31)
- (2) tem feito bom tempo *até*
agora (id., ibid.)
- (3) o Pedro tem estado doente
**até* há meia hora (id., ibid.,
p. 40)
- (4) **o* Pedro tem estado doente
até à chegada da mãe (id.,
ibid.)²

Em síntese, Campos (1997: 31-32) postula para o PPC que “a coordenada temporal do acontecimento deve representar-se como um intervalo cuja

¹ O negrito é meu.

² Possível com valor de iteratividade, por exemplo, com o marcador *todo os dias*, como faz notar a autora: *o Pedro tem estado doente todos os dias até à chegada da mãe*.

fronteira inicial, T_2 , à esquerda de T_0 ($=T_3$), é construída implícita ou explicitamente, e cuja fronteira à direita, salvo construção suplementar, coincide com a fronteira terminal do processo enunciativo (não é uma fronteira de fechamento, entenda-se)”.

Por conseguinte, o SP *até SN* é incompatível como PPC, na medida em que marca a construção de fronteira final, excepto nos casos em que se verifica redundância temporal e aspectual ($T_0=T_3$).

A tese defendida por Campos na caracterização da preposição *até*, não sendo central no texto, desafia-nos, no entanto, a problematizar a relação entre invariância e variação na descrição do marcador.

Assim, se os processos subjacentes ao PPC se iniciam num tempo anterior a T_0 e se prolongam até T_0 e se o processo continua em curso depois de T_0 , como defende Campos (1997:28), a coocorrência do PPC com o SP *até SN* marca a construção de **fronteira final** (mas não de **fronteira de fechamento**). Em coocorrência com outros marcadores que convergem para a construção dos valores referenciais do enunciado, como sejam, por exemplo, o Pretérito Perfeito Simples (doravante PPS) ou SP com valores espaciais, pelo contrário, observamos a ocorrência do valor de **fronteira com fechamento**:

- (5) O João empurrou o carro *até* cair de cansaço.
- (6) O João empurrou o carro *até* à garagem.

3. Invariância e variação

Em Campos (1997: 123-134), a descrição do marcador *até* é sensível ao problema da classificação das unidades lexicais em classes de palavras (advérbio/preposição). Estudados os usos preposicionais e adverbiais, a tese defendida é a de que se trata do mesmo

morfema, utilizado em contextos diferentes, os quais são definíveis em termos de operações (p. 133).

Assim, e considerando em primeiro lugar os usos preposicionais, Campos procede à análise de determinações espaciais, temporais e nocionais da relação predicativa, tendo por base os seguintes exemplos (pp. 128-129):

- (7) a Maria vai *até* à farmácia
- (8) o Luís dormiu *até* às 5 horas
- (9) compra-me livros *até* cem francos

Nos casos em apreço, propõe a existência do seguinte invariante: operação de **percurso** com identificação de um último ponto.³

O trabalho desenvolvido sobre os três tipos de determinação acima identificados é também importante do ponto de vista da metodologia ensaiada. A esse respeito importa reter duas lições importantes:

(i) a primeira consiste na utilização de testes de coocorrência entre predicadores verbais de natureza aspectual distinta (eventos instantâneos e actividades) e o SP direccional *até SN*. Embora este procedimento metodológico vise demonstrar um valor durativo do marcador *até*, demonstrado pela compatibilidade natural com as **actividades** na tipologia de Vendler (1967) e, concomitantemente, pela compatibilidade difícil com os **eventos instantâneos** ou **eventos prolongados**, o que não é despreciando, a utilidade deste teste é ainda maior se considerarmos que o SP direccional tem

³ O estudo dos exemplos (7) a (9) não é insensível à natureza distinta das operações em jogo. Assim, em (9), o uso nocional da preposição resulta da construção de um **domínio**, **percurso** dos elementos constitutivos desse **domínio** e fechamento do interior através da identificação da **fronteira** a não ultrapassar (p.129).

um impacto aspectual⁴. Os exemplos em (10) e (11) – Campos (1997: 129) – ilustram os procedimentos metodológicos acima descritos:

(10) ?a Bia encontrou um amigo até às 5 horas

(11) A Bia encontrou amigos até às 5 horas

Nos casos em apreço, considera a autora que o valor subjacente ao SP *até 5 horas* não é durativo, uma vez que o acontecimento linguístico é uma ocorrência singular de evento instantâneo. As operações associadas ao SP são descritas da seguinte forma: construção de um intervalo; a relação predicativa é validada em qualquer um dos pontos do intervalo; percurso do intervalo, sem que qualquer dos seus pontos seja distinguido (129).

(ii) a segunda diz respeito à sugestão de uma heurística das preposições, preconizando um estudo comparativo do comportamento das preposições *a*, *até* e *para* em contextos nos quais são intersubstituíveis. Pelo facto de lidarmos com marcadores com estatuto gramatical, considero que a metodologia proposta é fundamental para descartar a aparente equivalência semântica dos marcadores. Os exemplos em (12) e (13) – Campos (1997: 128) – introduzem esta problemática metodológica:

(12) a Maria vai *à* farmácia

(13) a Maria vai *até* à farmácia

As duas interpretações recortadas pelos enunciados são definidas nos seguintes termos: embora do ponto de vista da construção do último ponto da

trajectória⁵ eles sejam equivalentes, em (10), a Maria vai comprar medicamentos; em (11), decide passar pela farmácia, porque tem tempo livre e pretende falar com o seu amigo Pedro que trabalha na farmácia.

No que respeita aos usos adverbiais do marcador *até*, importa referir que não se pretende aqui proceder à reconstituição exaustiva da argumentação construída por Campos. Irei destacar, no entanto, dois aspectos que me parecem de extrema relevância.

Assim, e em primeiro lugar, faço notar que, apesar da análise fina, sensível aos fenómenos de variação – marcação do valor de inclusão, de uma “força argumentativa superior” e de um certo valor concessivo –, a autora consegue demonstrar de forma convincente a invariância associada ao marcador *até*. Recorrendo ao conceito de domínio nocional, identifica nos três contextos estudados a ocorrência de uma operação de **percurso**. O que os diferencia diz respeito à natureza ou estatuto do elemento que estabiliza o percurso (último ponto), podendo envolver a saída para o exterior e a integração desse elemento numa classe pré-construída ou a constituição de um último ponto com estatuto privilegiado (alto-grau). A título exemplificativo, eis alguns dos exemplos apresentados pela autora (131-133):

(14) A: ninguém convida o Paulo. Ele é antipático?

B: não, ele *até* é simpático. Mas dança mal

(15) A: gostaste do Filipe?

B: se gostei! Ele *até* toca piano!

(16) A: ele dormiu muito

B: não senhor! Ele *até* passou a noite em claro!

⁴ O contraste entre os exemplos seguintes permite demonstrar esse facto: (i) *o Luís empurrou o carro até à garagem *durante dez minutos*; (ii) *o Luís empurrou o carro até à garagem em dez minutos*.

⁵ A autora opta pela noção de **deslocação** (*déplacement*) (p. 128).

Em segundo lugar, importa referir que o estudo dos usos adverbiais de *até* a par dos usos preposicionais, autoriza a autora a defender a hipótese de que estamos na presença do mesmo morfema, situado em contextos diferentes, os quais são definíveis em termos de operações, tese à qual podemos aderir sem dificuldades.

4. *Aktionsart* e valores aspectuais

No seu texto de (2002), Campos faz mais uma pequena incursão aos usos da preposição *até*, a qual surge a propósito dos conceitos de **telos nocional** e **telos enunciativo**.

Não se pretende discutir aqui os conceitos de telos nocional e telos enunciativo. No entanto, e uma vez mais, é possível extrair uma importante lição deste texto. De facto, e independentemente de a construção de um último ponto poder estar ligada à construção da noção e da predicação ou às operações enunciativas, o que será importante verificar é que as propriedades aspectuais das predicações resultam da combinatória entre diferentes marcadores numa lógica composicional.

É o que podemos observar neste pequeno paradigma, no qual recorro ao predicador verbal empurrar (um verbo de maneira de movimento):

- (17)a. o Luís empurrou o carro
- b. o Luís empurrou o carro durante 10 m
- c. o Luís empurrou o carro **para** a garagem
- d. o Luís empurrou o carro **até** à garagem
- e. o Luís empurrou o carro **para** a garagem até ficar exausto (como já não aguentava mais, desistiu)

Como é possível verificar, em (17 a), o tipo de processo construído corresponde

a uma actividade. A compatibilidade com o adverbial durativo em (17 b) assim o comprova.

Em coocorrência com os SP direccionais *para a garagem* e *até à garagem*, obtemos sequências com a interpretação de evento prolongado, embora (17 c) possa ser considerado ambíguo.

Embora esta observação possa ser considerada banal do ponto de vista dos estudos sobre a categoria aspecto, o que é importante sublinhar é a utilidade do procedimento para o estudo das propriedades semânticas das preposições. Assim, diremos que uma preposição não é inerentemente télica ou atélica, à semelhança do que sucede com um predicador verbal.

Assim, e na sequência de Depraetere (1995), considero pertinente para a descrição das propriedades semânticas da preposição a distinção entre **(a)telicidade** e **(un)boundedness** (\pm fronteira temporal). A primeira diz respeito à definição de um último **ponto potencial** ou **inerente**. A segunda tem a sua base na constituição de **fronteiras temporais** (fechamento à direita de um dado intervalo de tempo).

Assim, e para além de verificarmos que um predicador verbal pode ocorrer na construção de actividades ou de eventos prolongados, podemos afirmar que a preposição *até* define a existência de um último ponto potencial, o mesmo não sucedendo necessariamente com *para*.

Por conseguinte, em (17 a, b), o processo é construído como [-télico], [-fronteira temporal]. Em (17 c), a interpretação será marcada pela ambiguidade: [+ télico], [\pm fronteira temporal]. A possibilidade de coocorrência do SP *para a garagem* com adverbiais durativos ou adverbiais de completamento assim o demonstra (*o Luís empurrou o carro para a garagem durante 10 m; o Luís empurrou o carro para a garagem em 10 m*). Em (17 d), o

processo é construído como [+téllico], [+fronteira temporal].

5. Notas finais

Ao longo de sensivelmente duas décadas de trabalho, foi possível vislumbrar um programa de trabalho para as preposições, ainda que esse não tivesse sido o objecto de estudo privilegiado nos textos sujeitos a leitura. Como se os textos se dessem a ler sob a forma de diferentes estratos de leitura...

Referências bibliográficas

- Campos, M^a Henriqueta Costa. [1984] 1997 “Pretérito perfeito simples / pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal. *In Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora: 9-51.
- Campos, M^a Henriqueta Costa. 1997 “Pour une définition de quelques faux adverbes à partir de la description d’opérations énonciatives sous-jacentes. *In Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora: 123-134.
- Campos, M^a Henriqueta Costa. 2002 “Questões aspectuais: algumas especificidades do português. *In S. Grosse, A. Schönberger (eds.), Ex oriente lux. Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, Frankfurt am Main, Valentia: 73-88.
- Depraetere, I. 1995 “On the necessity of distinguishing between (un)boundedness and (a)telicity”, *Linguistics and Philosophy* 18(1). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers: 1-19.